

3 - A visão correta da natureza humana e da sociedade vem pela crítica ideológica, pela recuperação da razão filosófica e pelo processo de libertação da cultura. A filosofia é chamada a exercer atualmente a libertação dos reducionismos do pensamento moderno e pós-moderno: "Um grande desafio que nos espera no final deste milênio, é saber realizar a passagem tão necessária como urgente, do fenômeno ao fundamento. Não é possível deter-se simplesmente na experiência; mesmo quando esta exprime e manifesta a interioridade do homem e a sua espiritualidade, é necessário que a reflexão especulativa alcance a substância espiritual e o fundamento que a sustenta. Portanto, um pensamento filosófico que rejeitasse qualquer abertura metafísica, seria radicalmente inadequado para desempenhar um papel de mediação na compreensão da Revelação" (João Paulo II, *Fides et Ratio*, nº 83).

4 - O serviço atual à libertação é ato hermenêutico que se integra na compreensão da redenção em Jesus Cristo (Gl 3,28). Teologias feministas, teologias afroamericanas e certas teologias asiáticas são importantes tipos da forma atual e contemporânea da Teologia da Libertação. E ela se aplica também aos índios americanos, aos grupos étnicos e outros grupos mino-

ritários e dominados que exprimem o mesmo anseio de libertação. É serviço para libertar da opressão, da exploração, da alienação e da discriminação. A interpretação da experiência como experiência de opressão é comum a todas as teologias da libertação.

A libertação dos pobres continua como o imperativo mais urgente, principalmente agora na fase da sociedade que se estrutura na globalização da economia, e do mercado envolvente e determinante da cultura planetária.

A teologia da libertação afroamericana mostra a discriminação de africanos e de afroamericanos na história do cristianismo.

Teólogas feministas focalizam a opressão das mulheres em sociedades patriarcalmente estruturadas e dominadoras do feminino. A sua hermenêutica é particularmente rica na interpretação dos textos bíblicos e na esperança de libertação da mulher para que se possa, de fato, viver a realidade da Nova Criatura, pois em Cristo Jesus, não há mais nem judeu e nem grego, nem escravo e nem livre, nem homem e nem mulher (Gl 3,28).

Fr. Gilberto da Silva Gorgulho, OP,  
[gigorg@cidadanet.org.br](mailto:gigorg@cidadanet.org.br), São Paulo - 10/  
08/1999

## A FORMAÇÃO TEOLÓGICA E O MUNDO DA CULTURA

Pe. Dr. Benedito Ferraro

Para abordarmos essa temática, sobretudo a partir da experiência do ensino da teologia na Faculdade Nossa Senhora da Assunção, é preciso retomar a gênese da Teologia da Libertação, como fruto da grande preocupação pastoral da Igreja latino-americana e caribenha. A formação teológica, nestes últimos anos, se deu a partir dessa experiência eclesial, marcada pela opção preferencial pelos pobres, consignada em Medellín (1968), ratificada em Puebla (1979) e, mesmo a contragosto, presente também em Santo Domingo (1992).

A Teologia vivida e praticada por essa Escola Teológica, sobretudo a partir de 1968, quando da reestruturação de seu currículo, pauta-se pela grande novidade eclesial da Igreja na América Latina e Caribe: a entrada (inserção) dos cristãos na luta política de libertação dos pobres-excluídos. Gustavo Gutiérrez assim define esse processo gerador de uma nova forma de teologizar, respondendo às novas

questões colocadas à fé a partir da entrada dos cristãos na luta pela libertação: "A inserção nas lutas populares pela libertação tem sido - e é - o início de um novo modo de viver, transmitir e celebrar a fé para muitos cristãos da América Latina. Provenham eles das próprias classes populares ou de outros setores sociais, em ambos os casos observa-se - embora com rupturas e por caminhos diferentes - uma consciente e clara identificação com os interesses e combates dos oprimidos do continente. Esse é o fato maior da comunidade cristã da América Latina nos últimos anos. Esse fato tem sido e continua sendo a matriz do esforço de esclarecimento teológico que levou à teologia da libertação. Com efeito, a teologia da libertação não é compreensível sem relação com essa prática"<sup>1</sup>.

Hoje, certamente, na década dos 90, o fato maior parece ser outro: "Na atual conjuntura, o fato maior é, sem dúvida, o cruel predomínio de uma

<sup>1</sup> GUTIÉRREZ, G., *A força histórica dos pobres*, Petrópolis: Vozes, 1981, p. 245.

férrea lógica da exclusão, o clima de indiferença anti-solidária que a sustenta e, em decorrência, o fato de que uma imensa “massa sobrando” de seres humanos descartáveis tenha passado a ser vista como lixo da história<sup>2</sup>. As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil - 1995-1998 assumiram essa perspectiva, indicando que uma nova cultura impregna a realidade social, revelando a crise da modernidade: “O resultado mais perverso de todas essas causas da crise social da atualidade é o fenômeno da exclusão... A exclusão significa que o atual sistema econômico-político, que até há pouco era criticado pela exploração das massas de trabalhadores, tende agora a rejeitá-las, porque desnecessárias como mão-de-obra e desinteressantes como consumidores de baixa renda. Antes, chega a vê-las como criminosos em potencial, após tê-las marginalizado”<sup>3</sup>.

A pergunta fundamental continua presente à teologia: “Onde vão dormir os pobres no mundo pós-moder-

no?”<sup>4</sup>. Em outras palavras, a teologia tem que dar conta desse processo excludente, e necessita, para não perder sua credibilidade, desmontar a legitimidade desta lógica da exclusão<sup>5</sup>, traduzindo a revelação para que se torne elemento solucionador para os problemas humanos (GS 1,11). Por isso, frente às exigências de novos paradigmas, a teologia deve passar por um processo de reinterpretação, para poder contribuir nas respostas aos problemas do momento histórico atual: “Partir da vivência do cristianismo pelos pobres leva a constatar que tudo precisa ser reinterpretado. Constatase que os conceitos cristãos da teologia tradicional ficaram desviados pela situação de dominação da cristandade: o imperialismo do direito romano, a dominação feudal, a restauração do sistema sacerdotal do Antigo Testamento... Tudo precisa ser revisto, reinterpretado. Desde o conceito de Deus até a teologia de Cristo, da Igreja, da graça, do pecado, dos sacramentos... Trata-se de uma verdadeira libertação da teologia”<sup>6</sup>.

Essa exigência ainda a estamos vivenciando, pois a partir da entrada na luta de libertação dos pobres e, sobretudo, a partir da opção pelos pobres (evangélica e preferencial), mesmo que hoje esteja em baixa, devido ao “inverno da Igreja”, proporcionou uma nova vivência da fé (nova prática nos engajamentos dos movimentos popular, sindical e nos partidos políticos e até mesmo nos movimentos revolucionários, onde os cristãos eram parte essencial, em vários países da América Latina e Caribe), uma nova forma de celebrar a fé (nova liturgia, mesmo que ainda extremamente vigiada), e uma nova forma de transmitir a fé (novo modo de teologizar a partir da realidade e sua complexidade, uma catequese encarnada na realidade, indicando novos caminhos de libertação e nova forma de ler a Bíblia, sobretudo a partir da leitura orante e popular).

Frente às exigências de novos paradigmas, estamos vivenciando hoje novos desafios à reflexão teológica, quando a teologia começa a levar a sério as relações de classe, gênero, etnia e geração. O processo de reinterpretação, neste sentido, está apenas começando. Basta observarmos o que vai se produzindo em termos de teologia feminina e feminista, teologia negra, teologia indígena e índia. Certamente, o caminho é longo, mas caminho se faz ao caminhar! Por isso, temos que ter ousadia e coragem! Esse processo exige que o teólogo deverá “sair cada vez mais de seu perímetro epistemológico e se articular com os discursos das ciências, das culturas e inclusive da modernidade”<sup>7</sup>. Cremos que a teologia tem lugar e espaço no mundo atual, mas ela deve estar cada vez mais articulada com os outros campos do saber humano, como a antropologia, a

<sup>7</sup> SUSIN, L.C., “Inculturação: implicações teológicas”, em FABRI DOS ANJOS, M. (Org.), *Teologia e inculturação da teologia*, Petrópolis: Vozes-Soter, 1995, p. 33. O autor afirma que: “É preciso vencer a tentação da teologia endógena, que se produz por incesto, citando-se a si mesma, sem sair do círculo dos iguais. É necessário libertar-se do império da biblioteca e da obsessão do passado” (op. cit., p. 43). De fato, em tempos de crise, surge sempre a tentação de repetir o passado! Não estariamos hoje, de novo, com essa tentação em “reinventar uma nova forma de cristandade”, apelando para a necessidade da visibilidade das instituições, templos, vestes, etc... Seria o momento de uma volta ao barroco? (Fala de J. Comblin na Soter, julho de 1999, em Cachoeira do Campo-MG).

<sup>2</sup> ASSMANN, H., *Crítica à lógica da exclusão*, São Paulo: Paulus, 1994, p. 129.

<sup>3</sup> CNBB, *Doc. 61, n. 137*.

<sup>4</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G., *Onde dormirão os pobres?*, São Paulo: Paulus, 1999, p. 34.

<sup>5</sup> Cf. JOÃO PAULO II, *Ecclesiam in America*, 56.

<sup>6</sup> COMBLIN, J., *Cristãos rumo ao século XXI. Nova caminhada de Libertação*, São Paulo: Paulus, 1996, pp. 367-368.

psicologia, a psicanálise, a história, a economia, a política, a sociologia, a filosofia, a física, a biologia..., para poder traduzir a revelação como elemento de solução para os problemas humanos. Mas para realizar essa obra, a teologia, hoje, mais do que nunca, deve ser uma obra coletiva!

Para efeito de uma visualização destas exigências, queremos apresentar um quadro das novas articulações exigidas no fazer teologia frente às relações de classe, gênero, etnia e geração:

### MEDIAÇÕES HERMENÊUTICAS E NOVOS PARADIGMAS

RELAÇÃO	CLASSE	GÊNERO	ETNIA	GERAÇÃO
CONDIÇÃO HUMANA	TRABALHO TERRA	SEXO ERÓTICA	CULTURAS FESTA GRATUIDADE	RELAÇÕES PESSOAIS
INSITUIÇÃO	ECONOMIA	PODER PEDAGOGIA	IDEOLOGIA	POLÍTICA PODER
SUJEITO PROTAGONISTA	POBRE EXCLUÍDO	MULHERES MARGINALIZADAS	ÍNDIOS NEGROS	CRIANÇA JOVEM IDOSO
CIVILIZAÇÃO				
MÍSTICA-ESPIRITUALIDADE DA LIBERTAÇÃO-ESPERANÇA				

Essas exigências advindas de novos paradigmas devem estar, no que se refere ao trabalho teológico, ao lado de duas constatações. A primeira de K.Rahner, mostrando que a fé cristã e o próprio cristianismo já não são mais óbvios: "Em média, as pessoas que buscam o estudo da teologia hoje, e não se trata só dos que se preparam para o presbiterato, não se sentem seguras em uma fé que seja

tida como coisa óbvia e seja apoiada por meio ambiente religioso homogêneo e comum a todos. Também o jovem teólogo está de posse de uma fé sob o desafio e que não se pode tomar de maneira nenhuma como algo de óbvio sem mais, uma fé que hoje deve ser sempre conquistada de novo, sempre no processo de se constituir. E ele não precisa envergonhar-se disso. Pode reconhecer tranqüilamente

essa situação que lhe é anterior, pois que ele hoje vive em situação espiritual, e até mesmo procede de tal situação, em que o cristianismo não aparece como algo de óbvio e indiscutível"<sup>8</sup>. A segunda é de J. Comblin, a partir do triunfo dos movimentos pietistas, espiritualistas que desconfiam de qualquer tipo de reflexão teológica, mostrando que a teologia perdeu interesse e que nossa época não necessita mais de teologia. Entretanto, deixa em aberto a possibilidade de sua retomada: "Se a teologia não parece ser necessária hoje em dia, tornar-se-á necessária um dia"<sup>9</sup>. Mas o fato de ser necessária, não significa que se fará, pois depende da superação deste momento de crise, dominado por um certo ocultamento da razão, proporcionado pela destrutiva onda irracionalista, inviabilizando deste modo a reflexão teológica e incentivando sobretudo o louvor<sup>10</sup>.

O desafio do fazer teológico continua presente em nosso tempo. Mesmo que nos sintamos impotentes fren-

te aos desafios que nos são colocados pela globalização da economia, pelo neoliberalismo imperante, somos convidados a dar "as razões de nossa fé" (1Pd.3,15). Trabalhando nas brechas históricas, devemos ir buscando novos caminhos que possam dar sentido à vida, falando de Deus a partir do sofrimento de quem está excluído/a das mínimas condições de vida (cf. Mt.9,35-36;11,2-6. 25-26; 25,31-46). Poderíamos retomar o poema de Pedro Casaldáliga, que nos revela a importância básica do pão para a liberdade, unindo na poesia a liberdade com a libertação<sup>11</sup> (cf. Rm.8):

"Primero sea el pan, después la libertad.

(La libertad con hambre, es una flor encima de un cadáver).

Donde hay pan, allí está Dios.

"El arroz es el cielo", dice el poeta de Asia.

La Tierra es un plato gigantesco de arroz,

un pan inmenso y nuestro, para el hambre de todos.

<sup>8</sup> RAHNER, K. *Curso fundamental da fé. Introdução ao conceito de cristianismo*, São Paulo: Paulinas, 1989, p. 15. É bom lembrar que essa afirmação data de 1984. De lá para cá a situação de crise evoluiu e se aprofundou ainda mais.

<sup>9</sup> COMBLIN, J. *op. cit.*, p. 106.

<sup>10</sup> Cf. COMBLIN, J., *op. cit.*, p. 352-353.

<sup>11</sup> Cf. COMBLIN, J., *Vocação para a liberdade*, São Paulo: Paulus, 1998, p.05-20. 37-57.

Dios se hace Pan, Trabajo, para el pobre, dice el poeta Ghandi.

La Biblia es un menú de pan fraterno. Jesús es el Pan vivo.

El universo es nuestra mesa, hermanos. Las masas tienen hambre y este Pan es su Carne, destrozada en la lucha,

vencedora en la muerte.

Somos familia en la fracción del pan. Solo al partir el pan

podrán reconocernos. Seamos pan, hermanos.

Danos, oh Padre, el pan de cada día: el arroz o el maíz o la

tortilla, el pan del Tercer Mundo!"

Nas brechas históricas, é necessário assumir em nosso compromisso a opção pelos pobres, como chave hermenêutica do pensar teológico e também da própria leitura da bíblia, na certeza de que a opção pelos pobres é uma opção teológica (cf. Mt 11,25-26; cf. Dt 15,7-8): "A opção pelos pobres significa, em última instância, uma opção pelo Deus do reino que Jesus nos anuncia. Toda a Bíblia, desde o relato de Caim e Abel, está marcada pelo amor de predileção de

Deus pelos fracos e maltratados da história humana. É isso que nos revelam as bem-aventuranças evangélicas; elas nos afirmam, com profunda simplicidade, que a predileção pelos pobres, famintos e sofredores tem seu fundamento na bondade gratuita do Senhor"<sup>12</sup>.

Nessas mesmas brechas históricas, caminhando na contramão, somos convidados a refazer a utopia e organizar a esperança. Fazer com que o jubileu aconteça a cada dia: "Perdoai as nossas dívidas como nós perdoamos os nossos devedores" (Mt 6,12)! Mesmo que nos chamem de "neobobos", dinossauros da história! Para que nossa teologia tenha consistência, ela deverá estar alicerçada na espiritualidade da esperança, que acredita no Deus da Vida, que é Pai-Mãe, que sabe dar coisas boas para seus filhos e filhas! (cf. Mt 7,7-11).

Contra o espírito individualista do capitalismo neoliberal, suscitar comunidades solidárias, conseqüentes com a prática de Jesus e que se tornam o melhor anúncio de Jesus Cristo: "Nessa situação complexa e, em algumas

ocasiões até contraditórias, é necessário dar testemunho do Reino de Deus, da solidariedade com os pobres e da libertação dos que vêm violados seus direitos mais elementares. A reflexão sobre a fé, a teologia, é convocada a ser uma hermenêutica da esperança em nosso tempo"<sup>13</sup>.

## MINHA MISSÃO

“Quando eu canto  
é para aliviar meu pranto  
e o pranto de quem já tanto sofreu

Quando eu canto  
estou sentindo a luz de um santo  
estou ajoelhado aos pés de Deus

Canto para anunciar o dia  
Canto para amenizar a noite  
Canto pra denunciar o açoite  
Canto também contra a tirania  
Canto porque numa melodia  
acendo no coração do povo  
a esperança de um mundo novo  
e a luta para se viver em paz!

Por isso tudo, é preciso continuar refletindo teologicamente, sabendo que é uma missão insubstituível em tempos de crise. Por isso, como o cantor, somos chamados a continuar nossa missão de arautos do Reino:

Do poder da criação  
sou continuação  
e quero agradecer  
foi ouvida minha súplica  
mensageiro sou da música  
tem força de oração  
e eu cumpro meu dever  
aos que vivem a chorar  
eu vivo pra cantar  
e canto pra viver!  
Quando eu canto, a morte  
me percorre  
e eu solto um canto da garganta  
que a cigarra quando canta morre  
e a madeira quando morre canta!

(João Nogueira & Paulo César Pinheiro)

Pe. Dr. Benedito Ferraro, professor e membro do Departamento da pós-graduação - PUCCAMP

<sup>12</sup> Cf. GUTIÉRREZ, G., "Pobres y opción fundamental", em *Mysterium liberationis. Conceptos fundamentales de la teología de la liberación*, Tomo I, San Salvador: UCA Editores, 1991, p.309.

<sup>13</sup> GUTIÉRREZ, G., "Onde dormirão os pobres?", *op. cit.*, p.41.